MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: "Mundo na sala de aula"

Áudiocassetadas
"Quando o erro vem entre aspas"
Publicado: 23/08/2020

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

Extras

(-) Indica um corte e o início de um novo fragmento de áudio.

ABERTURA

Música de abertura: "Quem canta" (sete segundos de um trecho instrumental, a música encerra com um efeito de "disco arranhado")

Arthur: Aff, a música travou de novo. Como faço pra consertar isso...

Melissa: Arthur, tá gravando já.

Arthur: Opa (pigarro). Oi gente! Está começando mais um episódio da série Mundo na Sala de Aula. Sou o Arthur, estudante da graduação de antropologia pela UnB.

Melissa: Eu sou a Melissa, sou da graduação na Universidade de Brasília, faço Bacharel em Antropologia e Licenciatura.

Arthur: Nessa série a gente tá revisitando os materiais brutos das gravações do Mundaréu. Pra recuperar aquelas histórias que não foram contadas, que não entraram nos episódios da primeira temporada. E hoje, a gente vai revirar o lixo do Mundaréu, e ouvir aquelas partes que não saíram exatamente como planejado durante as gravações.

Melissa: Bem, lixo entre aspas, né Arthur?

Arthur: Ah sim! Verdade, Mel! A gente vai falar muito de aspas hoje.

Melissa: Exatamente! Vocês imaginam o tanto de dificuldade, de erro, falha, obstáculos, problemas e risadas e diversão que tão por trás da produção de um podcast? Isso tudo é cortado e ninguém fica sabendo, mas nós vamos mostrar tudinho pra vocês hoje.

Arthur: É, e não só isso. Em qualquer pesquisa na Antropologia muita coisa sai, entre aspas, né, errado. Nesse episódio vamos conhecer as histórias do Zé Miguel e da Érica, antropólogos que apareceram no primeiro e no terceiro episódio do Mundaréu e que passaram por uns perrengues em campo. Vamos ouvir?

BLOCO 1: Audiocassetadas do Mundaréu

Música de abertura do bloco 1: Theme for a One-Handed Piano Concerto (música instrumental. Permanece por trinta segundos, ficando ao fundo de toda a fala seguinte)

Arthur: O primeiro passo para planejar um roteiro e começar a gravar um episódio é fazer o que chamamos de conversa prévia. Geralmente é uma conversa telefônica pra conhecer o convidado, a sua trajetória e seu trabalho na Antropologia. Simples, não? (Aqui, fade out e fim da música)

- **José Miguel**: (Barulho de chamada de uma ligação feita por skype) Oi! Alôou. Mas porque não funciona... Soraya?

Soraya: Oi querido (a fala corta).

José Miguel: Oi, oi, tá me ouvindo? Oi... Soraya? Oi, oi, oi. Porque... Alô. Mas porque gente... Alô. Alô. Af... Estamos tendo problemas de comunicação. (novamente o barulho da chamada) Alô? Alô? Gente isso aqui não está dando certo, um segundo, um segundo...

Arthur: Paciência Zé Miguel, tecnologia às vezes não ajuda. Quem sabe na proóxima a gente tem mais sorte, né?

- Betânia: Alô?

Daniela: Alô, Betânia, é Daniela. Tudo bem?

Betânia: Tudo.

Daniela: Tá me ouvindo bem?

Betânia: Eu estou te ouvindo, mas agora estou no supermercado fazendo compras.

Daniela: Ah tá...

Betânia: Ó alguém puxa o carrinho aqui pra mãe?

Arthur: É Dani, melhor ligar depois. Em casa ninguém pode atrapalhar né?

- **Betânia:** Só um minutinho, amor, chegou uma visita (vozes ao fundo da ligação, Betânia comprimentando alguém que chegou).

Arthur: Depois de finalmente conseguir fazer as conversas prévias, um roteiro é escrito e aí é só ir pro estúdio gravar.

Melissa: É, mais ou menos, né? Antes de gravar é bom se entender com o microfone.

- Soraya: Você tá pra cima do microfone ó.
- Soraya: Você não acha que ta baixo Ótavio, aqui? É porque ele é alto.
- Daniela: Eu to achando meio longe o seu, não sei se tá.
- **Daniela**: Tá bem longe.
- Daniela: Meio Baixo o da Soraya?
- José Miguel: É que eu queria tirar ele da frente do texto.
- Dani: (esbarra no microfone) Desculpa gente, trombei no microfone.

Melissa: Ah e também tem as cadeiras...

- Rodrigo: É, eu to na cadeira mais baixa, né.
- Soraya: Você quer trocar de cadeira?
- **Rodrigo**: Não, eu vou fazer o seguinte, eu vou ficar com as costas eternamente na cadeira. Tá bom assim?

- Daniela: Aí fica ruim.

- Rodrigo: (barulho de cadeira) Tá bom assim?

- Soraya: Então põe a cadeira pra frente.

- Daniela: Não, põe o microfone pra trás.

- Rodrigo: Eu posso ir pra frente. Ou tá bom assim? Pode ser assim então? Beleza.

Melissa: Ufa, pronto! Bora gravar! Só não faz barulho gente, por favor.

- Daniela: Ó mas aí (barulho de papel), cuidado com o barulho da página.

- Soraya: É cara, tava pensando nisso.

- Daniela: Tem que virar devagarzinho.

- Daniela: Tá muito barulho. É, por causa do papel. Eu vou segurar o papel alto então.

- Daniela: Barulho aí no fundo.

- **Soraya**: Acho que ficou barulho.

- Daniela: Pera aí que fez barulho aqui.

- Daniela: Eita, barulho de papel.

- **Daniela**: Acho que vai ficar esse barulhinho do lápis (risos). É...(barulho de carro). Esperar o carro passar ali.

Melissa: E se possível, segurar as mãos enquanto grava, né?

Arthur: Acho que amarrar é melhor, ein.

- Daniela: Tenta não passar a mão na frente. Porque acho que tá...

Soraya: Tá.

- Soraya: É que você fala muito com a mão, não fazer isso ó.

Érica: Não bater aqui né.

Soraya: Fala com a mão, só não faz isso que a gente ouve a batidinha.

- Daniela: Tentar não por a mão na frente da boca pra falar.

- Soraya: A mão na boca.

- Soraya: Pera aí, a Simone tá falando alguma coisa. A mão, ah ta.

- Soraya: O senhor fala com as mãos né, então não fazer essa bateção aqui ó, que a gente ouve.

Arthur: Mas o que importa é que, entre as gaguejadas, confusões e palavras enroladas, lá está a mensagem.

- Soraya: Eu queria pedir... É, pra começarmos. Não, pera aí. (faz um barulho com a boca).
- Daniela: Bastante durante essa, duran... (palavra enrolada). Desculpa.
- Soraya: Como você nos contou an an teriormente. Não, desculpa, eu gaguejei.
- **Daniela**: Que você, quando quando você, pera (barulho estranho com a boca). É Marina, você comentou quando você come, conhe... lxi.
- Rodrigo: Num fenômeno globlal.
- Rodrigo: Quero voltar, claro, globlal não dá (risos).
- **Soraya**: Quando ele, ele. É disso que o Marcel fala, quando ele (se enrola). É que quando junta vogal é difícil né.

- Soraya: É difícil falar frase que o outro escreveu né.

Daniela: É, tell me about it. (risos)

- Daniela: O depoimento dele (rosnado).

- Soraya: Melhores políticas públicas pra (se enrola).

Daniela: É muito "p".

Soraya: É, isso.

- Daniela: Com elas nós ape, apren (barulho com a boca).

- Daniela: E elas nos (se enrola e faz barulho do ar vazando).

Soraya: (risos) A gente ta meio assim hoje.

- Soraya: É, nós, mui.. (pigarro)

- Soraya: Pera aí que eu esqueci.

- Soraya: O colega de.. Aí, o quê que é isso aqui? Ah, é um "i", tá, desculpa.

Soraya: É que ela falou que você falou tris, cê ia falar cis com trans e virou tris (risos).

- Henrique: É que eu to viajando aqui (risos).

Melissa: Tem tantos jeitos de falar uma coisa, mas, qual o melhor?

- Soraya: Esse foi nosso quarto programa. O que?

Daniela: Episódio, né.

Soraya: Ah é.

Soraya: É Guiana ou Giana?
 Daniela: Acho que Guiana

Soraya: Ah, então vou ler de novo.

- Soraya: Como vocês sabem, queremos contar um mundaréu de histórias.

Daniela: Tira o como vocês sabem.

- Daniela: Como que é, ou...

Soraya: Como é isso.

Daniela: Como que são as ocupações, ou...

Soraya: Eles não usam ocupação, né.

Daniela: Como... Como é o acampamento? **Soraya**: Acho melhor a gente não falar isso.

Daniela: É.

- Daniela: Como é ser do MST, não...

Soraya: Ué, ficou esquisito esse pedaço. Como é por exemplo

Daniela: Por exemplo, por exemplo.

- **Soraya**: Tem que falar fecha aspas? Cê acha? (risos) Não, é porque eu pensei que você vai falar, aí, já... fecho aspas. Acha que tem que falar?

Daniela: Eu não falaria aspas. "Como diz a Nashieli literalmente", acho melhor você falar assim do que falar "aspas", é uma linguagem muito escrita né.

Soraya: Ta bom.

Soraya: Como ela disse lá em cima. Aliás, "lá em cima" também (risadas).

Daniela: A Soraya só consegue pensar em texto. Jesus Christ.

Soraya: É, eu sou uma pessoa textual.

- Soraya: Agradecemos pela atenção de vocês e nos vemos no próximo episódio.

Daniela: Nos vemos não. **Soraya**: Nos vemos...

Daniela: Até o próximo episódio. Quem que vai ver quem? A gente é podcast.

Soraya: Ah é (risos).

Daniela: Nos ouvimos né.

Soraya: Nos encontramos.

Daniela: É, nos encontramos.

Soraya: Tá.

Arthur: Às vezes o problema não é nem com a tecnologia, nem com as ideias e nem com as palavras, mas com o sistema respiratório.

- Soraya: (tosse) Desculpa.

- **Zé Miguel:** (pigarro) Vai ser difícil.

- Soraya: (pigarro) Pera aí, deixa eu só pigarrear. Desculpa gente.

- Soraya: To com dificuldade de respirar hoje. (fungada)

- Daniela: Só que seu nariz tá escorrendo, e ta aparecendo na gravação.

Soraya: Ta, toda hora, né? Tá. - Soraya: Eu to pigarreando né?

- **Soraya**: Mas eu gueria dizer... (várias fungadas).

- Soraya: Tu quer tossir? Daniela: Isso, limpa.

Soraya: Coitado, tava morrendo de vontade de tossir

- Daniela: (tosse do Henrique) Pode tossir.

Arthur: Gente podem ficar tranquilas, o bom de um podcast é que dá pra regravar, né Dani?

- Daniela: Deixa eu só regravar um negocinho aqui.

- Daniela: Eu acho que eu quero regravar isso daqui.

- Daniela: Quero dar um outro tom, pera aí.

- Daniela: Eu vou regravar esse finzinho.

- Daniela: Então vou gravar de novo.

- Daniela: Pera aí, quero outra.

Melissa: E não são só as dores que estão escondidas no Mundaréu, tem muitas risadas também.

- Daniela: A gente ta ficando profissional.

Voz ao fundo: Po, acho que isso é impossível (risos).

- Marcel: Pode falar palavrão aqui? (risos)

- **Daniela**: Não vai falar tchau tchau? (risos)

Soraya: Eu fui muito reprimida. Tchau tchau!

Daniela: Tchau tchau é muito Xuxa. (risos) Até lá! (Soraya dá uma fungada)

Soraya: Desculpa (risos) bem feito.

- Soraya: Eu fui reprimida! "Leia Soraya, leia direitinho!"

Daniela: Não, é que quando não funciona eu falo, eu não posso falar? Você vai reprimir minha repressão? (risos)

- Soraya: Ufa, caraca, preciso de uma cerveja, falando em drogas (risos).

- Iranice: Quem chega aqui ninguém é purinho, se veio pra cá é porque tem alguma coisa. Então a Clarice tá ali no meio também. (risos)

Daniela: Clarice também não é purinha (risos).

Clarice: Não sou purinha (risos).

- **Soraya**: Nossa, que inveja né <mark>(risos)</mark>, a gente que é professora do dia a dia. O povo fica de olho aberto. **Daniela**: Olho aberto é um luxo (risos).

- Clarice: Mas foi a primeira vez que você leu um texto meu né Iranice? Eu já tinha passado, já tinha oferecido, precisou chegar por outra mão.

Iranice: É, é... (risos). Poxa Clarice!

Daniela: Entregou, entregou!

Iranice: Me entregou (risos).

Melissa: Tudo tem seu tempo, né. As entrevistadas têm que ser sucintas, objetivas, rápidas.

-Daniela: Então as respostas tem que rápidas, breves, curtas, objetivas, direto ao ponto.

Melissa: E as entrevistadoras? Também, não?

- Soraya: Eu sei que nosso tempo tá estourado, mas eu queria fazer só mais um comentário, rápido.
- Soraya: Eu sei que nosso tempo escapou já, mas eu queria dois pequenos comentários, rápidos.
- Soraya: Eu só queria pedir pra ele acrescentar uma coisinha na história, rapidinho.

Daniela: Tá, eu ia falar que a gente tá com os cinco minutos finais.

- Daniela: Gente, acabou total nosso tempo.

Soraya: Eu só queria então fazer uma última pergunta rápida pra Clarice.

Daniela: Ah, a Soraya sempre faz isso comigo (risos).

Arthur: É, acho que vou dar um relógio de presente pra Soraya.

BLOCO 2: "Erros" de pesquisa

Música de transição: Theme for a One-Handed Piano Concerto (música instrumental, permanece por trinta e sete segundos, ficando ao fundo da fala seguinte)

Arthur: Mas, e em uma pesquisa de campo na Antropologia? Será que a prática antropológica também tem suas gaguejadas, palavras enroladas, confusões, repetições? Vou chamar o José Miguel Olivar, antropólogo colombiano que fez sua pesquisa sobre o trabalho sexual lá em Tabatinga, no Amazonas. (Aqui, fade out e fim da música) Zé Miguel, você pode contar pra a gente alguma história sobre um perrengue, uma dificuldade, enfrentado no campo?

Zé Miguel: Eu voltei pra ficar mais quatro meses em Tabatinga em 2015, mas quando eu chego em 2015 eu encontro a Carmelo muito ruim de saúde, e outras pessoas também, por exemplo, uma grande amiga peruana que tinha um restaurante também numa situação não de saúde mas assim, tinha feito uma falcatruisse enorme no restaurante dela e tinha que ir embora, enfim. Um momento assim bem crítico.

Arthur: O José Miguel tá falando aqui sobre suas interlocutoras de pesquisa. A Carmelo e a Tati, com quem ele trabalhou em campo.

Zé Miguel: E aí eu tinha programado um campo que era muito mais focado nos meninos, esses gays, trans. Mas quando eu chego eu encontro essa situação da Carmelo e da Tati que é essa amiga peruana, e uma demanda de cuidado gigante. Tipo assim, na segunda semana que eu estava lá, eu estava com Carmelo e eu tive que levar ela de urgência pro hospital e uns dias depois voltamos também de urgência no pronto socorro e aí já ficou internada pra sempre.

Arthur: Caramba, que história forte, Zé Miguel. Então quer dizer que em um campo as pesquisadoras e pesquisadores estão sujeitos a muitos imprevistos, alguns deles relacionados até com a saúde dos interlocutores. E como lidar com isso? Como você fez sua pesquisa nessa situação?

Zé Miguel: Eu tive uns segundos de crise, de dizer "puta, e meu campo e a etnografia?", mas durou um par de segundos só (risos). Aí eu disse, bom a etnografia e meu trabalho é isso aqui. O que eu tenho que fazer aqui é responder a uma construção de vínculos, de cuidado, de afeto e de reciprocidade que a gente construiu durante anos, e que são a base do trabalho etnográfico. Então basicamente, assim, principalmente o que eu fiz no meu trabalho de campo em 2015 foi acompanhar a Carmelo nesse processo que inclusive nos levou pra Bogotá, porque ela finalmente foi transferida pra Bogotá e morreu em Bogotá, em 17 de dezembro de 2015, acompanhei a saída da Tati do Brasil. E no meio disso, bom, tentava fazer outras coisinhas mas basicamente foi isso.

Arthur: Quer dizer então que essa situação imprevista e difícil, que mudou todo o planejamento do trabalho para atender as demandas afetivas do campo não foi um problema para pesquisa dele, mas fez parte da própria pesquisa, né? Achei muito lindo isso.

Melissa: Sim, é muito massa isso mesmo, porque o Zé Miguel tá falando aqui pra gente da pesquisa dele, mas eu acho que, sobretudo, de ética em pesquisa, né? Sobre o que vale, o que é prioridade, quando a gente tá com as pessoas em campo. E eu tava lembrando aqui também de outra história... Ouve essa Arthur. A Érica Sousa, que é antropóloga e professora da UFMG, que trabalhou com homens trans, também tem uma história interessante sobre as adversidades da sua pesquisa de campo. Como foi isso mesmo, Érica?

Érica: Foi um processo muito difícil mesmo, a gente teve momentos bem complicados de rejeição mesmo, né. Às vezes não é um não, assim "olha desculpa mas não vai dar", é um não um tanto quanto defensivo né, e o defensivo muitas vezes se torna agressivo. Então assim, são várias camadas assim, de dificuldade né, de acessar essas pessoas, essas experiências, o que por um lado a gente entende completamente, né, são pessoas que passam por níveis e níveis, experiências múltiplas de violências ao longo da vida. Então o que que justifica de repente você ter que se abrir pra um estranho. Então a gente entende mas ao mesmo tempo isso gerava dilemas pra nós, conflitos pessoais, né, de até que ponto eu to invadindo ou não esse espaço do outro e até onde eu posso ir, e dilemas da pesquisa, que a gente teve que redelinear metodologicamente e tudo.

Melissa: E como fazer uma pesquisa nessa situação?

Érica: Criamos um questionário online, pra ver se a gente obtinha mais informações a respeito. Mas mesmo os questionários válidos a gente teve que eliminar alguns por causa das categorizações mesmo.

Melissa: É mesmo, Érica? E por quê?

Érica: Porque as pessoas, o jeito que a gente colocou as categorias, e isso óbvio que tem falha nossa também, embora a gente tenha pensado por muito tempo em como colocar as opções de você se auto identificar ali no questionário, ainda assim algumas pessoas ficavam bem confusas ou marcavam mais de uma opção, porque realmente não tem uma verdade ou um consenso nesse sentido, e a gente sabe que pesquisa tem essas limitações mesmo, ainda mais quando têm questionário envolvido, né. A partir do momento que a gente fala assim "não, o outro diferente de mim não necessariamente quer ser pesquisado por mim, e agora? Quê que eu faço? Não faço mais pesquisa? Ou eu mudo minha forma de fazer pesquisa? Ou eu reviso metodologicamente e eticamente como fazer essa pesquisa?".

Arthur: É, enquanto na gravação de um podcast dá pra regravar as falas, em uma pesquisa, quando as coisas saem, entre aspas, errado, é possível revisar a metodologia empregada. É possível também olhar para o que foi feito criticamente, avaliar se as escolhas e técnicas de pesquisa foram eficientes, adequadas, sensíveis. A Antropologia tá o tempo todo nesse exercício de reflexividade, olhando para o próprio trabalho também.

Melissa: É, e assim como para gravar um podcast, as pessoas gaguejam, se confundem, ligam na hora errada, discutem a melhor forma de falar algo, fazem barulho, passam do tempo e o equipamento não funciona, em uma pesquisa os interlocutores podem ficar doentes, não quererem conversar, as entrevistas podem não acontecer e os questionários podem confundir.

Arthur: Ficou claro para mim que quando falamos desses erros, tanto no podcast quanto na pesquisa, sempre precisamos colocar eles entre aspas. Isso porque na realidade não são erros. Nas pesquisas lidamos com pessoas, e com toda complexidade que envolve o ser humano. Pessoas têm histórias, sentimentos, pensamentos, desejos, medos, saúde, doenças, alegrias e dificuldades. Pessoas são imprevisíveis. E a Antropologia lida exatamente com tudo isso. Em uma pesquisa as antropólogas e suas interlocutoras se encontram, se envolvem, criam vínculos e afetos. Daí surgem coisas inesperadas, boas e ruins. E é a partir dessa relação que uma conhece a outra e a si mesma. Ou seja, os erros, na realidade, são a própria pesquisa, viram a própria pesquisa. Eles são oportunidades para, como disse a Érica, rever e aprimorar eticamente e metodologicamente a pesquisa ou, como nos contou Zé Miguel, mudar os planos para responder a uma construção de vínculos, (fade in e início da música "Quem Canta") de cuidado, de afetos e de reciprocidade.

FECHAMENTO

Música de fechamento: "Quem canta" (instrumental. A música permanece ao fundo de todas as falas do fechamento).

Melissa: Eita, a música voltou. Isso significa que nosso tempo acabou Arthur.

Arthur: Mas já? Queria regravar algumas coisas ainda.

Melissa: Relaxa, na edição a gente corta essas gaguejadas suas.

Arthur: Ufa! E o que não ficar bom a gente aprende pra melhorar no próximo episódio.

Melissa: Com certeza. Nossos erros são grandes professores. Opa, erros entre aspas.

Arthur: Ah, eu só queria, rapidinho, fazer mais um comentário (risos). A gente foi mencionando os nomes das pessoas bem livremente ao longo desse episódio, Zé Miguel, Betânia, Rodrigo, Marina, Érica, Iranice, Clarice, Henrique, Dani, Soraya, Simone, Otávio – esse pessoal todo que já foi convidado para participar do Mundaréu. E vocês conseguem saber quem é quem e em qual episódio apareceram ou ajudaram a produzir, é só consultar o site.

Melissa: Você também precisa de um relógio, (risos).

Arthur: (risos), então, acho que é isso né. Vamos encerrar?

Melissa: Vamos sim. Eu primeiro queria agradecer a toda a equipe do Mundaréu e, principalmente ao Arthur que me convidou pra participar desse episódio. É, a gente se conheceu o que? No meu primeiro semestre do curso, eu acho, então já é uma trajetória de amizade, né? Acho que por isso foi tão divertido, tão legal gravar esse episódio com você. E também foi muito bom, porque deu pra aprender muito sobre Antropologia com as áudiocassetadas do Mundaréu e das pesquisas também, né.

Arthur: Ah eu que te agradeço por me fazer companhia nessa longa trajetória e por ter aceitado esse convite! Foi um prazer recebê-la aqui. Também queria agradecer a Soraya, Dani, e toda equipe do Mundaréu pelo apoio e pela oportunidade de inventar esse episódio. Aprendi demais também, e espero que inspire e ajude nossos colegas nessa jornada antropológica. Quem quiser conhecer mais do Mundaréu, é só visitar o site: https://mundareu.labjor.unicamp.br/. Nos vemos no próximo episódio!

Melissa: Nos vemos não, Arthur!

Arthur: Ah é, nos ouvimos no próximo episódio!

Melissa: Tchau, tchau, gente. Até o próximo episódio!

MATERIAIS EXTRAS

- Música: Theme for a One-Handed Piano Concerto

Artista: Sir Cubworth

- Currículo lattes do Arthur Ulhôa:

http://buscatextual.cnpg.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K2564724J7

- Currículo lattes do José Miguel Olivar Nieto:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4270132Y4

- Currículo Lattes de Érica Souza:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4137797P2

- "Quem canta", de Danú e Tatá: http://www.oleve.com.br/quem-canta/

"Tango Bango", de E's Jammy Jams: https://www.youtube.com/watch?v=b67vaXYwsiY

Expediente

Apresentação: Arthur Ulhôa e Melissa Bevilaqua

Produção: Arthur Ulhôa, Melissa Bevilaqua e Soraya Fleischer

Montagem e edição do roteiro: Arthur Ulhôa, Soraya Fleischer e Daniela Manica

Montagem e edição do episódio: Arthur Ulhôa e Lucas Linardi Carrasco

Conteúdo do sítio eletrônico: Arthur Ulhôa, Soraya Fleischer e e Daniela Manica

Divulgação: Milena Peres e equipe do Mundaréu